

Sinely

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MONOGRAFIA DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO LATO-SENSU
EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

A ESCOLA INCLUSIVA ENTRE
ENTRAVES E AVANÇOS

CARMEN MOREIRA DE FRIAS SILVEIRA

90
Carmen F.

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

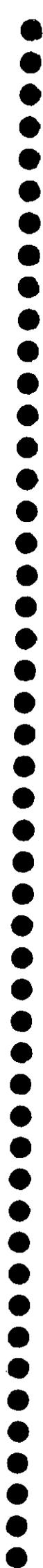
**A ESCOLA INCLUSIVA:
ENTRE ENTRAVES E AVANÇOS**

POR

CARMEN MOREIRA DE FRIAS SILVEIRA

RIO DE JANEIRO - MAIO

2001



Monografia exigida como requisito
básico para conclusão do Curso
de Especialização em Educação
Especial.

DEDICATÓRIA

À Deus, em primeiro lugar pela porta aberta.

Aos meus pais, Irene e José, sempre presentes nos
maus e bons momentos.

Aos meus filhos, Daiane e José Luiz, por serem a
razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela paz nos momentos de crise.

À Prof^ª. Mestre Vera Flor pela orientação deste trabalho, pela exigência tranqüila e sábia.

À amiga Margarida dos Santos Costa pela contribuição feita sempre nos momentos certos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA	6
1.1. Tipo de Pesquisa	7
1.2. Grupo estudado	7
1.3. Instrumento	9
CAPÍTULO 2– ANÁLISE DOS RESULTADOS: VISÃO GERAL	10
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS VISÃO DOS SUJEITOS.....	13
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	45

*“É NA MINHA DISPONIBILIDADE PERMANENTE À VIDA A QUE
ME ENTREGO DE CORPO INTEIRO, PENSAR CRÍTICO, EMOÇÃO,
CURIOSIDADE, DESEJO, QUE VOU APRENDENDO A SER EU MESMO
EM MINHA RELAÇÃO COM O CONTRÁRIO DE MIM. E QUANTO MAIS
ME DOU À EXPERIÊNCIA DE LIDAR SEM MEDO, SEM PRECONCEITO,
COM AS DIFERENÇAS, TANTO MELHOR ME CONHEÇO
E CONSTRUO MEU PERFIL.”*

PAULO FREIRE - 1996

INTRODUÇÃO

*"Filho do homem... profetiza
sobre o vale de ossos secos..."
Profeta Ezequiel*

Como professora de escola pública, tenho vivido situações que me têm levado à várias reflexões sobre a exclusão. É na escola, espaço de busca de conhecimento das camadas populares, que tenho observado a segregação.

A escola quer seus alunos em formas, se enquadrando, e quando isso não ocorre, ela exclui. Nesse período que estou no magistério tenho tido as mais diversas experiências e em muitos momentos me vi angustiada e impotente diante disso.

Tenho trabalhado em diferentes escolas, algumas particulares e em uma delas tive uma experiência com uma turma de alfabetização que tinha alunos com Necessidades Educacionais Especiais e alunos considerados "normais". Essa experiência me levou a olhar o aluno com necessidades educacionais especiais de outra forma vendo neles possibilidades.

Uma outra experiência foi no supletivo onde realmente pude começar a rever a minha prática pois aqueles alunos vinham de um processo de exclusão ocorrido na escola regular onde não se adaptaram aos modelos exigidos por ela e se evadiam por causa da repetência. Angustiava-me ver nos alunos do supletivo o medo de fracassar e eu queria fazer um trabalho diferente, pelo viés do afetivo, criando vínculos.

Após esse período fui trabalhar numa escola regular e de perto pude observar o processo de exclusão pelo qual os meus alunos do supletivo tinham passado me indicando que a excludência começa dentro das salas de aula.

A inquietação ia aumentando e iniciei uma busca de caminhos alternativos que impedisse que a engrenagem cruel da escola atingisse os meus alunos. Fui entendendo que sozinha "clamando no deserto" não conseguiria e a busca de

parcerias para uma reflexão crítica da minha prática me auxiliaria nesse momento de crise.

Nesse caminho de busca encontrei algumas pessoas que foram fundamentais para me ajudarem nesse momento de reflexão e fui percebendo que a exclusão passa pela dificuldade que a escola tem em trabalhar com as diferenças, pois ela parte do pressuposto que as pessoas aprendem da mesma maneira.

Infelizmente a escola que temos é uma escola que exclui, rejeita e reprova, investindo apenas nos alunos que atendem o padrão estabelecido por ela fundamentando-se no paradigma da homogeneidade.

Comecei a me interessar por problemas de aprendizagem achando que esse era o caminho que me ajudaria a resolver as questões do cotidiano escolar. Fui lendo alguns teóricos como Vygotsky, Paulo Freire e outros, buscando conhecer mais sobre o assunto até chegar ao curso de especialização na área de Educação Especial, onde comecei a conviver com pessoas que acreditavam numa escola inclusiva e fui vendo nessa luta, muito do que eu acreditava.

Eu vivia um momento de preocupação com os alunos que não se adaptavam ao modelo estabelecido pela escola e acabavam desistindo, se evadindo. Nessa busca dos profissionais da Educação Especial pela inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, na escola regular ou seja numa escola para todos, vi um caminho.

Esse trabalho vem de angústias obtidas no cotidiano da escola regular, nas dificuldades em trabalhar com as diferenças, em muitos erros cometidos com a intenção de acertar e do sonho de não ver mais nas nossas escolas o direito de permanência sendo negado aos que por qualquer motivo não atendem ao modelo de

escola que temos.

A partir das minhas experiências pretendo identificar os impedimentos para construção da escola para todos, que é sonho de tantos educadores e a partir das falas dos sujeitos desta pesquisa ,buscar pistas que possam ajudar na construção de escolas verdadeiramente inclusivas.

Ainda existe uma grande resistência por parte de alguns professores e em algumas falas fica bem evidente que para eles os alunos com necessidades especiais precisam de um espaço segregado para aprender, o que significa o descrédito na possibilidade de aprendizagem desses alunos, concepção que vem do modelo médico onde se considerava que o eles precisavam de um tratamento para "melhorar".

Na escola, que faz parte de uma sociedade altamente excludente, temos recebido informações de algumas práticas, bem tímidas, para a inclusão dos alunos com necessidades especiais.

Quero destacar uma tentativa de inclusão na escola que trabalho, ao aceitar a matrícula de uma aluna que apresenta características psicóticas.

Ela freqüenta a escola desde a Educação Infantil e tem permanecido na classe de alfabetização por três anos. As suas características diferentes ficaram mais evidentes quando foi iniciado os saberes escolarizados e isso foi o começo da discussão da permanência ou não da aluna na escola. O assunto passou a ser discutido em centros de estudos e em conselhos de classe e mais uma vez as falas excludentes foram ouvidas me levando a alguns questionamentos como: Por que há interesse na saída da menina ? É medo ? É falta de informação ?

Essas questões me impeliam a olhar de forma mais detalhada, mesmo não

entendendo, que havia algo mais , para justificar o discurso de defesa de sua saída da escola.

Os argumentos apresentados pela maioria dos professores para justificar a proposta de saída da aluna da escola, só ia aumentando o meu incômodo, com o modo imediatista de resolver o problema apenas o transferindo.

Os argumentos foram os mais diversos possíveis e mais uma vez confirmava o quanto o diferente suscita as mais variadas reações como curiosidade, espanto, repulsão e até medo. O afastamento do que é desviante no grupo se dá por não sabermos lidar com ele e não sabermos o que esperar dele.

Na proposta de saída da aluna, constatamos indícios de como ainda, como escola, somos excludentes e contraditórios. Esse comportamento excludente vai ficando mais claro nas falas dos professores entrevistados, pois isso se revela de diferentes maneiras e em diferentes níveis.

CAPÍTULO 1
METODOLOGIA

*"O senhor.. mire e veja, o mais
importante e bonito do mundo é isto,
que as pessoas não estão sempre iguais;
não foram terminadas- mas que elas estão
sempre mudando. Afinam ou desafinam verdade maior"*
Guimarães Rosa

1.1 - TIPO DE PESQUISA

Nesse trabalho, procurei utilizar como metodologia a pesquisa qualitativa e bibliográfica.

Essa pesquisa é feita em ambiente natural e a partir das falas dos sujeitos estarei buscando um fio condutor, analisando e me referendando em alguns teóricos como Vygotsky, Paulo Freire, Maria Helena de Souza Patto, Moysés e Collares que me ajudam a repensar a importância de se considerar as diferenças no processo ensino-aprendizagem.

Ter optado em não dialogar com os entrevistados durante a conversa limitou as respostas e o que estarei investigando é a fala dos professores juntamente com o cotidiano já que a pesquisa acontece com professores da escola que trabalho.

1.2 GRUPO ESTUDADO

Para a pesquisa selecionei dezoito professores regentes de ensino fundamental escolhidos aleatoriamente.

O trabalho foi iniciado no período final do ano letivo o que impediu que alguns professores fossem entrevistados e assim somente nove professores responderam.

Optei em não intervir para que os fatos fossem apontados pelos sujeitos da pesquisa sem serem influenciados por mim, porque faço parte desse corpo docente e fica difícil separar a pesquisadora da colega.

O espaço escolhido para fazer a pesquisa foi uma escola pública do Rio de Janeiro e por dois motivos específicos que é o fato de ser meu local de trabalho e por considerá-la uma escola privilegiada.

Essa escola, tem uma carga horária de 40 horas semanais e dentro da sua

proposta pedagógica, essa carga horária, permite que haja um tempo semanal de 5 horas para o Centro de Estudos que é feito com uma orientadora pedagógica, permitindo uma discussão mais profunda das questões pedagógicas.

Essa carga horária também permite que outras alternativas para enriquecer e favorecer os alunos aconteçam. Tem o Projeto Apoio, onde os alunos que apresentam um rendimento abaixo da média, tenham um encontro semanal, fora do horário de aula, por um período de 3 horas semanais, com sua professora para que seja feito um trabalho de recuperação paralela.

Além desse projeto, a escola oferece mais dois projetos que são: Lendo e Escrevendo e o Oficina de Textos onde os alunos com dificuldades na leitura e escrita, são atendidos, alguns no horário, saindo de sala e outros fora do horário de aula. O atendimento, retirando da sala de aula é para os alunos que as famílias, por motivos alheios a escola, não enviam seus filhos no horário inverso para frequentar os projetos.

A escola possui uma boa infra-estrutura pois tem lanche, almoço e seu espaço físico favorece o funcionamento dos projetos por ter salas específicas.

Um outro motivo foi o fato de que um tempo atrás, a escola teve uma turma especial com os alunos que não conseguiam "acompanhar" suas turmas e isso confirmava a concepção que a escola tinha sobre turma. Havia um interesse em organizar as turmas atendendo o critério da homogeneidade e por isso os alunos que não se enquadravam nesse critério eram separados para essa turma., o que significou uma experiência bem desagradável provocando uma reflexão sobre as diferenças, criando um certo incômodo para alguns professores. pois o fato de na porta da sala estar escrito **TURMA ESPECIAL** caracterizava o estigma e esses

alunos passaram a ter um comportamento até agressivo impedindo a interação , mesmo no recreio.

1.3 INSTRUMENTO

Um questionário composto por uma pergunta aberta. (Anexo 1).

Informe a cada professor_a pergunta e deixei que escrevessem a resposta, individualmente.

Entendendo que a escola é espaço de investigação comecei a ver nas falas de muitas colegas alguns indícios do que acontece em sala de aula que poderia me fornecer alguns elementos para me auxiliar na minha prática.

Gostaria de deixar claro que quando uso palavras como indícios, pistas, marcas estou me referendo no paradigma indiciário (Ginzburg ,1989) pois ele me auxilia na investigação do que não é visível. Ele nos afirma que *a realidade é opaca, mas existem zonas privilegiadas- sinais, indícios - que permitem decifrá-la.* É uma maneira de investigar e interpretar as múltiplas subjetividades que envolvem muitas falas dos professores, trazendo as marcas das singularidades de cada um e o "não observável" , "tornando visível" o invisível.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DOS RESULTADOS : VISÃO GERAL

*"Em tudo o que ultrapassa a rotina repetitiva,
existe uma ínfima parcela de novidade e de
processo criador humano, estando as bases
da criação assentadas na capacidade de
combinar o antigo e o novo".*

Vygotsky

Nas falas das professoras muitas respostas são bem semelhantes mas o grupo tem como experiência a escola regular e o contato com os alunos com necessidades educacionais especiais se resume em raríssimas situações e às vezes nenhuma.

A pergunta foi respondida por nove professoras e a partir das respostas, identificamos para fins de nosso estudo as seguintes categorias:

ESCOLA

- **DESPREPARADA**
- **ESCOLA NÃO COMPORTA**
- **ESCOLAS MUITO ATRASADAS**

Essas características são citadas por três professoras nas nove entrevistas.

Afirmar que a escola está despreparada é o início da discussão porque isso é muito amplo e daí outros aspectos relacionados à escola começam a surgir.

As falas vão me fornecendo pistas de que a escola é um fator mais geral e que as outras , chamadas categorias, estão implícitas nesse fator maior.

PROFESSORES

A formação do professor é um dos aspectos da escola que é citado por quatro professoras, como fator preocupante e impeditivo da presença dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular e em algumas falas esse aspecto é citado como condição indispensável.

TURMAS

O tamanho das turmas é citado por uma professora . Em muitos momentos da escola, como planejamento e principalmente, avaliação de fim de ano, surge essa questão, por ser uma preocupação de um grande número de professores independentemente da presença ou não dos alunos com necessidades especiais.

CURRÍCULO

Nas entrevistas o currículo foi citado por uma professora e nesse momento onde na escola pesquisada muito se tem falado dos Parâmetros Curriculares Nacionais, fica evidente que essa preocupação existe.

AVALIAÇÃO

Esse aspecto é altamente complexo em qualquer nível e na entrevista a avaliação aparece de forma clara na citação de uma professora e de forma implícita em outros momentos, quando se fala da dificuldade da escola em atender alguns problemas de aprendizagem na escola regular.

CAPÍTULO 3
RESULTADOS
VISÃO DOS SUJEITOS

*"Solto a voz nas estradas
Já não quero parar
Meu caminho é de pedra
Como posso sonhar..."
Milton Nascimento*

Nas falas de cada professora, procurei desvendar o que não é visível, como nos alerta Mello (1998), que venhamos a adquirir *“ a capacidade de ler em outro nível que não o do olhar já guiado pela forma de olhar já aprendida.”*

A realidade é complexa pois nela lidamos com as incertezas e com pistas observadas no cotidiano escolar estarei tentando entender as singularidades do ser humano e reconhecendo que as respostas estão impregnadas das crenças de cada sujeito e que todo olhar vem carregado do modo que compreendemos a realidade e assim, não teremos neutralidade nessas respostas porque a neutralidade inexistente e assim citamos Morin que nos faz entender que *“... é preciso compreender que há algo mais do que a singularidade ou que a diferença de indivíduo para indivíduo é o fato que cada indivíduo é um sujeito.”* (MORIN- *Introdução as Pensamento Complexo - p.780*)

Todo indivíduo constitui-se de diferentes características e essa singularidade que o faz único, o leva a fazer escolhas de acordo com crenças do momento da escolha porque como ser incompleto , inacabado, ele está sempre em busca de novos conhecimentos e assim, nessa dinâmica de ação, ele vai se transformando. Novamente cito Morin para auxiliar nessa reflexão:

“... todo o conhecimento cerebral, o conhecimento humano é, na sua origem e nos seus desenvolvimentos, inseparável da ação; como todo conhecimento cerebral, elabora e utiliza estratégias para resolver os problemas postos pela incerteza e a incompletude do saber.” (1996, p.192)

A análise das falas e as possíveis conclusões serão provisórias por sua própria natureza pois todo indivíduo constitui-se de características particulares.

Em cada fala estarei recolhendo pistas que me dêem subsídios para entender o que de fato tem sido entrave para essa escola que temos, avançar, se tornando uma escola para todos, lembrando que as falas estão impregnadas por diversos fatores.

Estar atento as questões de preparo da escola é muito importante mas não podemos nos esquecer que existem fatores mais subjetivos e que estão diretamente ligados a questão das relações sociais.

Na categoria **ESCOLA**, temos algumas falas que nos apontam para o despreparo da escola o que é bem amplo, por ter aspectos ligados diretamente como currículo, avaliação, formação dos professores e tamanho de turmas.

Temos conhecimento de diversas tentativas governamentais, visando preparar a escola para a inclusão e mesmo assim está distante de ser o necessário.

Um dos princípios fundamentais das escolas inclusivas é de que todos os alunos possam aprender juntos, sendo que os currículos deverão ser adaptados.

A Declaração de Salamanca, que é um marco para a questão da inclusão, tendo como objetivo o estabelecimento de uma política de orientação a governos, organizações não governamentais e outros, propõe o seguinte:

"O princípio norteador deste Enquadramento de Ação, consiste em afirmar que as escolas devem se ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, lingüísticas e outras. Neste conceito, terão que incluir-

se crianças com deficiência ou superdotadas, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais ...”

(UNESCO, 1994:16)

Muitas propostas nesse intuito fica a mercê da vontade política de muitos políticos e como já sabemos , muda governo, muda proposta e muitas que são mudadas, inclusive estavam dando certo.

Vygotsky em seus trabalhos iniciais, já se preocupava com a educação social de crianças deficientes e no potencial da criança para o desenvolvimento normal.

Ele defendia uma escola que se abstinhasse de isolar crianças e que elas fossem integradas tanto quanto possível na sociedade. Elas deveriam receber a oportunidade de viver junto com pessoas normais.

A professora A em sua fala deixa pistas da preocupação no atendimento das crianças com necessidades especiais quando denuncia a incompetência da escola que temos em lidar com alunos com problemas de aprendizagem:

“A escola regular encontra-se bastante despreparada para incluir alunos com necessidades especiais. Não consegue dar conta dos alunos com pequenas dificuldades de aprendizagem como pode ser comprovado pelos índices de reprovação.”

A professora fala do despreparo da escola e justifica essa sua resposta,

indicando o alto índice de reprovação, na escola que temos.

Que escola é essa que tem um alto índice de reprovação? O alto índice de reprovação nos leva a pensar que são diversos fatores levando as crianças à reprovação e a evasão e deter-me nesse assunto seria um outro tipo de trabalho.

O que pretendo esclarecer nesse momento é que a prática pedagógica baseada na reprodução, onde os saberes trazidos pelas crianças não são valorizados, vai distanciando as crianças da escola, pois a língua falada e valorizada na escola é uma língua que não é entendida pelas crianças e assim elas vão silenciando suas vozes o que na verdade vai criando um entrave para a sua aceitação nesse espaço.

Nessa fala citada acima, podemos ver que a avaliação, no modelo que temos, também vai favorecendo o silêncio das crianças pois o que elas trazem de conhecimento é desqualificado.

Há uma tentativa de unificar e como diz Barriga (1991) *“uniformizar o que é fundamentalmente singular”* através dos exames que valorizam o homem pelo conhecimento que é supostamente comprovado em sua notas.

A escola que temos é excludente e assim citamos ESTEBAN(2001 p.107) :

“ A avaliação escolar funciona como um sistema de oferta e suspensão de direitos, tanto nos fatos cotidianos da sala de aula, como em relação às possibilidades futuras. Contribui para dar à estratificação social uma aparência de consequência natural das diferenças individuais que caracterizam os seres humanos. A homogeneidade buscada através da

individualização cria um campo de comparação que, funcionando como espaço de diferenciação, justifica a heterogeneidade de resultados alcançados. As diferenças individuais, nesta ótica naturalizam e legitimam as diferenças sociais.”

E ainda refletindo sobre a questão do índice de reprovação ser grande na escola, cito Foucault, que vem nos ajudar na questão do exame.

“O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um olhar normalizador, uma vigilância que permite qualificar, classificar e castigar,. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual são diferenciados.” (1978: 189)

O aprisionamento da escola ao exame como elemento de controle, dizendo quem pode e quem não pode prosseguir, classificando, medindo vai impedindo que a escola veja de fato os reais motivos da reprovação e da exclusão dos que não se adaptam.

A afirmação da professora **A**, nos dá pistas da escola estar despreparada para alunos com problemas de aprendizagem e a preocupação da professora é que os alunos com necessidades educacionais especiais terá sua chance minimizada nesse modelo de escola.

A professora **B** em sua fala se preocupa com o fato da escola não comportar e

segundo o dicionário AURÉLIO, comportar significa "permitir, admitir, ser capaz de conter. E ela diz o seguinte:

"Inclusão ... , não sou a favor da exclusão , mas há casos e casos. Em muitos deles a criança necessita de atendimento especial, que uma escola regular não comporta."

Na fala da professora B, entendo que ela ao dizer "não comporta", está dizendo que essa escola não admite, não é capaz de conter. Associo ao despreparo, tendo em vista algumas características dessa escola que temos e que foi citado na Metodologia.

Vivemos um paradoxo e podemos dizer, uma crise. Há um discurso governamental, convocando todas as crianças para a escola e muitos investimentos tem se feito para isso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais sendo distribuído para todos os cantos da nação, uma enorme soma de dinheiro sendo investida nos livros didáticos que são distribuídos para as crianças do ensino fundamental e mesmo com tantos olhares voltados para a educação, a escola continua despreparada para atender com qualidade as nossas crianças.

A professora C citou outra categoria que é a **FORMAÇÃO DOS PROFESSORES** .

"Todas as escolas deveriam atender crianças Portadoras de Necessidades Educacionais Especiais desde que seus professores fossem habilitados"

Essa fala quase chega a ser uma condição para que os esses alunos sejam atendidos na escola regular. Para acontecer a escola inclusiva, a formação do professor precisa passar por uma grande transformação, pois esse professor é o elemento fundamental na construção de uma prática que atenda essas necessidades-especiais dos alunos e contribua para o desenvolvimento de uma consciência crítica desses sujeitos.

Acredito que essa mudança passa pela reflexão dos elementos diretamente ligados às práticas escolares cotidianas e são os professores que terão que fazer parte desse grupo de discussão como elemento investigador da sua própria prática.

A falta de parceria para uma reflexão mais séria de assunto tão polêmico como a inclusão, leva muitos professores a se recusarem em ter nas suas turmas, alunos com necessidades especiais. O desconhecimento do que realmente isso significa vai gerando insegurança.

Alguns professores rejeitam e outros aceitam em suas turmas mas nada fazem para atendê-los de forma adequada.

A formação do professor está num momento de muitas discussões e inovações.

Está surgindo os Institutos Superiores de Educação o que tem gerado muita polêmica para decidir quem é responsável pela formação do professor e quem oferece o curso de melhor qualidade.

"Há uma busca pelo barateamento da formação do professor que, na universidade, é mais cara do que nas antigas escolas

Normais "(RODOLFO FERREIRO - *Jornal do Brasil* - 2000)

Nessa fala fica claro que uma das questões é financeira . Os que defendem a universidade como espaço de qualidade para a formação do professor, coloca os Institutos Superiores de Educação, como curso aligeirado e mais barato.

"É necessária uma formação ampla, que permita ao professor, na sua postura de investigador, de pesquisador, de quem reflete sobre a realidade, compreendê-la." (DONALD DE CARVALHO - *Jornal do Brasil*-2000)

O professor investigador é aquele que possui um olhar crítico para sua prática, buscando outras formas de melhor se aproximar do seu aluno e daquilo que faz do processo ensino-aprendizagem um momento de sucesso.

"A formação de nossos professores ainda não contempla, suficientemente, o respeito à diferença, e as matérias do currículo... os estágios e a prática de ensino são, geralmente, programadas para crianças ditas normais" (CARVALHO, 1996:113)

Esse tipo de formação não contempla os alunos com necessidades educacionais especiais, pois não garante o atendimento que eles precisam. A formação do professor deve estar preocupada com a compreensão das diferenças como elemento de desenvolvimento na aprendizagem e assim descobrir caminhos

que propiciem aos alunos uma busca eficaz na construção de conhecimentos.

Como diz Bueno(1998: 15):

“O que se deve ter em mente é que para a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular, há que se contar com professores preparados para o trabalho docente que se estribem na perspectiva de diminuição gradativa da exclusão escolar e da qualificação do rendimento do alunado, ao mesmo tempo em que, dentro dessa perspectiva, adquiram conhecimentos e desenvolvam práticas específicas necessárias para absorção de crianças com necessidades educativas especiais.”

A formação continuada é necessário para que maiores discussões sobre a inclusão possa estar acontecendo e assim gerar conhecimento, impedindo que por desconhecimento, muitos professores continuem com um discurso contra a escola inclusiva.

Temos que enfrentar a realidade que temos . Nesse momento ainda estamos trabalhando com turmas especiais dentro das escolas regulares e os professores que trabalham com essa turmas são discriminados, não participando da maioria das atividades com as outras turmas, gerando muita ansiedade e é importante que essas professoras estejam atuantes no processo de mudança da escola, conscientes do seu papel de elemento transformador buscando a discussão pela escola inclusiva nos espaços que frequenta, porque é a palavra do professor regente sobre a sua

prática que fala mais alto nesse momento de discussão sobre a escola inclusiva.

Como nos alerta a professora Rosana Glat (1999 :84):

"... qualquer proposta educacional , seja de cunho pedagógico ou político, que não considere a visão dos agentes implementadores do ensino- os professores - estará, inegavelmente, fadada ao fracasso."

Nós, professores temos que estar buscando espaços que nos permitam estar discutindo a nossa prática e por isso , um grupo de professoras da escola pesquisada organizou um grupo que discute questões da leitura e da escrita. O nome do grupo é GEFEL (GRUPO DE ESTUDO DE FORMADORES DE LEITORES E ESCRITORES). Esse grupo tem sua semente lançada no ano de 1995 por professoras de classe de alfabetização e de 1 série e que ressurgiu como grupo no ano de 1999 por alguns professoras que continuavam acreditando nessa maneira de socializar os saberes obtidos sobre leitura e escrita. As adversidades foram inúmeras, alguns desistiram , outros surgiram, mas a idéia era fortalecida por pessoas que realmente acreditam na troca e no potencializar o outro.

As reuniões acontecem fora do horário de trabalho e por estar vendo que é possível, que não importa quantos estão interessados e o que importa é acreditar e ousar, ainda vejo que a escola que temos pode ser uma escola para todos, partindo da reflexão dos professores e na transformação da sua prática. Outro aspecto da escola que foi citado foi **TURMA**, e a fala da professora **C** indica sua preocupação com o tamanho de nossas turmas atualmente.

“As turmas devem ser menores. A escola deve fazer um trabalho diversificado, respeitar o tempo de aprender de cada um, valorizar outras atividades.”

Não poderia deixar de ser citado o aspecto turma. Em diferentes momentos algumas discussões sobre o tamanho das turmas têm ocorrido e isso implicava na qualidade dos ensino.

A escola que queremos, a escola ideal, precisa oferecer condições dignas ao professor para trabalhar e aos alunos para aprenderem e isso está indiretamente ligado à questões administrativas como o tamanho das turmas. O professor precisa de condições para ter um olhar atento ao processo de construção de conhecimento e poder intervir como elemento mediador e para isso um número menor de alunos em turma poderia ajudar.

Não posso esquecer que esse aspecto tem diferentes implicações pois acaba por interferir no número de professores e no espaço físico e isso requer um estudo mais específico por motivos financeiros.

Quando a professora em sua fala, completa, que são necessárias propostas diversificadas, nos dá pistas de que a escola para atender as diferenças precisa romper com a homogeneização. A reflexão que faço é a importância da troca ser mais enriquecedora num grupo onde as diferenças são evidentes pois o valor da diversidade está exatamente no que o parceiro mais potente pode contribuir para que o outro avance e essa reflexão me leva as contribuições de Vygotsky com o conceito de **zona de desenvolvimento proximal**.

“ A zona de desenvolvimento proximal da criança é a distância entre seu desenvolvimento real, determinado com a ajuda de tarefas solucionadas de forma independente, e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado com a ajuda de tarefas solucionadas pela criança com a orientação de adultos e em cooperação com seus colegas mais capazes. (Vygotsky, 1933c/ 1935, p.42)

A prática pedagógica tendo como pressuposto teórico as contribuições de Vygotsky, vai nos indicando a existência de um espaço onde os conhecimentos estão em construção e isso é o fio condutor dessa prática pois esses conhecimentos vão sendo revelados em cooperação, num trabalho coletivo e isso me confirma a importância da heterogeneidade. Esse trabalho coletivo estimula o aluno a ultrapassar suas possibilidades.

A escola inclusiva precisa dessa contribuição porque o conceito de zona de desenvolvimento proximal oferece subsídios para o trabalho em sala de aula. A escola que pretende atender a todos os alunos precisa de recursos para fazer desse espaço de múltiplos saberes um espaço estimulador.

O trabalho com práticas coletivas permite que os conhecimentos trazidos por cada aluno tenha seu valor reconhecido e assim, como elemento participante, sendo valorizado, ele vai sendo potencializado e as diferenças deixarão de ser entraves para ser estímulo, levando-os a reconstruírem novos conhecimentos, descobrindo que eles podem e reconquistando sua auto-estima.

Assim fica uma indagação nesse momento do trabalho: É possível com tudo que conhecemos nos mais diferentes pontos de nosso país, essas transformações no momento, para favorecer uma escola inclusiva?

Outro aspecto que foi citado pela professora D nas entrevistas, foi o **CURRÍCULO** e a professora vai citando outros fatores que vão sendo usados como argumentos, às vezes bem fortes, para impedir a inclusão.

“Há também dificuldades nas instalações , no currículo, na avaliação, na formação do professor,...”

O momento que estamos vivendo é um momento ímpar onde as escolas podem adquirir sua autonomia pedagógica ao construir o seu PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO e nesse documento estará traçado o perfil da escola. A **AVALIAÇÃO** também foi citado na fala acima.

A escola que temos parte do pressuposto que todos aprendem ao mesmo tempo e por isso está muito voltada para o fator tempo e por isso corre contra esse mesmo tempo tentando homogeneizar as turmas para ganhar tempo.

Há uma preocupação em não perder tempo porque o conteúdo é grande e precisa ser trabalhado. Quando alguns alunos não aprendem dentro da expectativa do professor solicita-se que esse aluno faça parte de uma turma que possa atendê-lo melhor e assim vem o discurso de defesa da turma especial.

Devido ao problema da repetência, decide-se por colocar os alunos considerados incapazes de aprender numa mesma turma e isso mostra claramente que nesse momento a escola estava crendo que essa era a melhor maneira de

solucionar o que já estava se tornando crônico e com essa reflexão chegamos à homogeneidade que naquele momento parecia ser a solução.

“Os remanejamentos são feitos em nome do mesmo objetivo formal: homogeneizar o grupo classe de modo a permitir ao professor um trabalho mais eficiente e aos alunos um melhor aproveitamento. Na prática, uma outra motivação fala mais alto: cada professora tenta livrar-se dos alunos que lhe são indesejáveis, ou porque contribuirão para aumentar os índices de reprovação em sua classe ou porque perturbam a ordem e a perturbam, mobilizando seus fantasmas além do que pode suportar.” (PATTO, 1990: 214)

O remanejamento acima citado por Patto foi vivido em um período nessa escola e essa experiência dividiu os professores entre os que concordaram e os que não concordaram inicialmente, mas logo depois de iniciada a experiência muitos mudaram de opinião por ter percebido que em nada ajudou aos alunos remanejados.

A homogeneidade é perseguida porque essa escola ainda está presa a um trabalho que padroniza e tem uma ansiedade pelo tempo, é aprisionada pelo currículo necessitando medir os conhecimentos.

“(...) Na verdade, sabemos que esta divisão dos alunos em busca da homogeneidade é ilusória e perigosa, pois é estigmatizante e mais impeditiva do que benéfica à progressão escolar.” (PATTO, 1990: 211)

O preço de uma turma especial é muito alto, tanto para o aluno como para a escola, pois o estigma é paralisante, impedindo o avanço porque os que pertencem a essa turma passam a ser vistos pelos outros como elemento de menos valor, como o grupo dos “maluquinhos” ou dos “burrinhos”.

A auto-estima de quem recebe o rotulo de fracassado é baixíssima e o nível de expectativa da escola em relação a essa turma é sempre muito baixo e negativo. Não esquecendo da “profecia” existente nas escolas, que no início do ano letivo já vai indicando os que serão reprovados.

Na fala da professora E, fica evidente que muitas vezes nos deparamos com uma exclusão velada, que ocorre dentro das salas da aula e a professora nos confirma dizendo:

“Os profissionais devem estar capacitados para trabalharem com crianças PNEE (Portadores de Necessidades Educacionais Especiais) e não simplesmente fingir que elas não existem dentro da escola.”

A hipocrisia também está presente nas salas de aula. Muitos obedecem seus superiores sem questionar, mas não oferecem condições mínimas para que aconteça uma relação de aprendizagem e investem apenas nos alunos que consideram em condições, aparente de apresentar maior aprendizagem

Fica claro para nós, que alguns professores, não se recusam em aceitar uma escola inclusiva mas, querem um suporte mínimo para trabalhar, é o que nos diz a professora F:

“Uma escola de inclusão, deve incluir também professores, cursos, materiais, condições para dar tratamento digno ao portador de deficiência.”

Quando a professora afirma a necessidade de condições de trabalho ela diz que é para “dar tratamento” e isso nos dá pistas de que temos ainda uma concepção de que o aluno com necessidades especiais, precisa de um atendimento médico e essa visão fica mais clara com a citação de Sassaki (1997: 29) que segundo esse modelo diz:

“A pessoa deficiente é que precisa ser curada, tratada, reabilitada, habilitada, etc. A fim de ser adequada à sociedade como ela é, sem maiores modificações”

O modelo médico da deficiência tem sido responsável em grande parte pela resistência da sociedade em mudar para incluir os alunos com necessidades especiais na sociedade.

Para compreendermos melhor o que significa uma escola inclusiva e suas implicações, temos muito que caminhar no sentido da aceitação das diferenças.

Quando uma professora diz que “a escola não consegue dar conta dos alunos com pequenas dificuldades de aprendizagem”, ela nos dá pistas da incompetência e do despreparo da escola em atender de forma satisfatória os problemas de aprendizagem existentes. O trabalho feito é para um modelo de aluno e os que não atendem esse modelo são excluídos e isso é indício da dificuldade em trabalhar com

uma grande variedade de diferenças e principalmente com o aluno com necessidades especiais.

Esse é o perfil de uma escola excludente que empurra os alunos diferentes para fora dando-lhes uma marca onde deixa bem evidente que lá não é lugar para os que não se adaptam.

O rompimento com crenças arraigadas é muito difícil mas não impossível. Para melhor exemplificar a dificuldade em aceitar o que não compreendemos apresento a seguir duas situações vividas por mim.

No período da aprovação automática no RJ, tivemos algumas reuniões com alguns professores que tentavam nos fazer entender essa proposta mostrando-nos as vantagens em não ser necessário fazer provas. Naquele momento, relutávamos em aceitar a proposta por não entendê-la e nos assustava o fato de ter que avaliar sem uma prova.

Por ter sido uma proposta governamental e vinha para ser cumprida, foi obedecida. A proposta se referia ao PLANO BÁSICO elaborado pela SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO para as escolas responsáveis pelos primeiros cinco anos de escolaridade.

“O Plano Global de Trabalho elaborado pela SEE define como objetivo principal para o sistema educativo estadual o acesso de todos os alunos a um nível de formação socialmente reconhecido, garantido àqueles que iniciam sua escolaridade e até ao término da mesma (final de cinco anos) a continuidade de seus estudos nas séries subseqüentes, sem rupturas no

*processo escolar”(PLANO BÁSICO DE ESTUDOS - SEE -
1992)*

Uma outra situação foi quando discutíamos na escola o término da semana de avaliação e tentávamos romper com a Prova Única, pois vínhamos discutindo uma outra maneira de avaliar onde o processo seria valorizado. Naquele momento os argumentos para essa mudança foram fortes, suficientes para que a proposta vencesse, mas sabemos que não há totalidade nas crenças. Assim, em outro momento de discussão a proposta da semana de avaliação e prova única voltaram para a discussão e os argumentos favoráveis venceram e tivemos um retrocesso.

Essas duas situações ocorridas na escola leva-nos a refletir e recolher pistas para entender que a avaliação feita é voltada para valorização da classificação e medição de saberes cujo objetivo é classificar os que sabem e os que não sabem. Acreditamos que esta questão é um dos entraves para a inclusão, por estar medindo o conhecimento e excluindo os que segundo esses parâmetros não atendem aos critérios estabelecidos. Essa forma de ver a avaliação não respeita a maneira própria de aprender de cada aluno, desconhecendo que é no decorrer do processo que o sujeito vai buscando seus próprios caminhos.

A análise da fala dos sujeitos envolvidos na pesquisa, vai apontando um quadro de dificuldades que são os entraves para acontecer a escola inclusiva.

Estas falas também vão deixando indícios de que as professoras não possuem muitas informações e isso vai gerando insegurança, fazendo-nas resistir à inclusão, impedindo que a escola acolha todas as crianças independentemente de suas diferenças e sendo um grande entrave para termos uma escola inclusiva.

CONCLUSÃO

" O erro na verdade não é ter um determinado ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer, que mesmo do acerto do seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele."

PAULO FREIRE

A escola escolhida para a pesquisa tem tentado através de algumas práticas romper com a exclusão.

Algumas propostas são construídas objetivando a inclusão de alunos que não atendem o modelo estabelecido.

Reconhecemos que algumas propostas de inclusão de alunos considerados "incapazes" são tentativas, às vezes isoladas, e que encontram muitas dificuldades mas, para evitar a reprovação e a evasão, são necessárias. Esses trabalhos precisam ser divulgados para que outros grupos possam descobrir o caminho para a escola mais humana, preocupada com o outro, onde todos tenham acesso e direito à permanência.

O momento que estamos passando é de crise, são muitas as insatisfações e todos querem respostas. A chegada de um novo milênio gera muitas ansiedades e expectativas, principalmente na educação. Como educadores e sonhadores queremos uma escola diferente e para isso ela precisa romper com modelos ultrapassados, buscando novas concepções de educação. É a reeducação do olhar.

Parece uma proposta tão utópica, mas o que seria de nós, educadores sem as utopias e sem os sonhos e por isso cito o amado Paulo Freire:

"É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas, fortes dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não

com coisas.”

Vejo esse momento como um divisor de águas para muitos professores deixando marcas que podemos constatar em algumas falas, nos fazendo entender motivos da segregação e repensar muito a nossa prática.

Dentro da escola regular enfrentamos essa situação de exclusão que nega de todas as formas as diferenças e quando há uma tentativa de romper com essa suposta verdade absoluta, encontramos muita resistência. A resistência dos professores à escola inclusiva, em muitos casos ocorre por falta de informação e pela dificuldade na relação com o outro que apresenta algum tipo de deficiência.

O desconhecimento sobre o assunto gera insegurança e os conflitos resultantes dos diversos sentimentos que surgem nessa relação, vai perturbando a estabilidade. É o que nos diz Rosana Glat (1988, 1991, 1994):

“(...) as pessoas anormais ou desviantes, nos perturbam porque não sabemos exatamente como lidar com elas”.

A imprevisibilidade é muito acentuada na sala de aula, pela diversidade e singularidade de cada aluno e vai se tornando mais séria com a presença de alunos com necessidades educacionais especiais. As incertezas geradas pela imprevisibilidade impede o controle o que para alguns é indício de caos.

Essa situação vai indicando o medo que o professor enquanto detentor do conhecimento, tem do inesperado, do incontrolável.

A segregação ainda não acabou pois podemos ver nos sinais, nas marcas,

nas falas dos professores, no cotidiano da escola, no pouco investimento na formação do professor e principalmente nas dificuldades em lidar com as diferenças, muita resistência.

A exclusão constatada na escola nos indica uma concepção de conhecimento, onde quem sabe/acerta e quem não sabe/erra, associando à sucesso e fracasso respectivamente, porque ela não está preparada para trabalhar com as diferenças e não tem um olhar voltado para o processo. A escola ainda, está presa ao produto final e sobre esse assunto vejo o quanto é importante o erro. Ele vai nos mostrando o que o aluno não sabe ainda e vou refletindo sobre a fala de *Esteban(1992)*.

“O erro muitas vezes mais do que o acerto, revela o que a criança sabe”, colocando este saber numa perspectiva processual, indicando também aquilo que ela “ainda não sabe”, portanto o que pode “vir a saber”.

A visão que não valoriza a diferença como propulsora de um espaço de múltiplas possibilidades de saberes é limitadora. Quando o contrário ocorre na escola e a diferença é excluída, esta ação reforça o que nos diz criticamente *Moysés e Collares (1996:217)*:

“a escola persiste nas turmas homogêneas, se utilizando dos mais diferentes critérios, com o argumento de que dessa forma o professor tem sua vida facilitada”

Essa visão impede um olhar atento para o processo de construção de conhecimentos. Sabemos que as diferentes respostas dos alunos, criam condições

para o diálogo professor - aluno, apontando novas possibilidades, que sequer havia pensado.

É o aprisionamento da escola pelo paradigma da homogeneidade.

Ao vislumbrar um trabalho menos excludente, valorizando as diferenças, saímos em busca de alternativas e chegamos a ***zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky - 1998)***.

A zona de desenvolvimento proximal indica a existência de um espaço onde os conhecimentos estão em construção, valorizando a riqueza da heterogeneidade porque o diferente nos mostra uma variedade de resultados construídos a partir de óticas diferentes.

A diversidade no meio social e especialmente no ambiente escolar, fator determinante do enriquecimento das trocas, dos intercâmbios intelectuais, sociais e culturais que possam ocorrer entre os sujeitos que neles interagem. (Mantoan, 1997).

Uma visão simplista só se detém no produto e isso impede um olhar atento ao percurso, desvios e atalhos, as peculiaridades de cada um na dinâmica ensino / aprendizagem.

Ao lançarmos um olhar atento às diferenças, às singularidades, presentes na escola, vislumbramos uma escola para todos, alicerçada num novo paradigma onde todos os envolvidos com a educação tenham como eixo norteador, a inclusão.

Estamos vivendo um momento de discussão do Projeto Político Pedagógico e

temos que aproveitar esse momento, para repensar essa escola que temos e buscar caminhos para transformá-la.

O caminho da "humanização" da escola passa pela reflexão porque não há como a escola brasileira ficar presa a um modelo arcaico de preparação e de prontidão caminhando na contramão, em um momento onde as diferenças são consideradas propulsoras da aprendizagem.

O homem como ser inacabado constrói a sua história e este é o momento de reconstruirmos a nossa, conquistando o acesso de todos, a uma escola de qualidade, onde as diferenças serão vistas como elemento facilitador e não como complicador.

Precisamos de uma escola que trabalhe para *"o desenvolvimento da sensibilidade, para acolhermos a diversidade, senão apenas toleraremos."*
(Valdelúcia - 2000)

Desenvolver a sensibilidade, seria buscar um fundamento maior para transformar essa escola que temos em uma escola mais sensível e mais humana e nessa reflexão cito Maturana(1999 : 67):

"O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência., Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências."

Indo pela lógica do indício, do invisível, vou entendendo que o medo do desconhecido impede as propostas mais ousadas e vai impedindo que no cotidiano

escolar se estabeleça uma relação de afetividade e de legitimar o outro sem nenhum tipo de discriminação.

Essa escola que temos, que é excludente, ainda está presa ao resultado final e temos que refletir sobre a escola que queremos.

Essa escola que temos e que tem dificuldades em trabalhar com as diferenças e que valoriza um tipo de conhecimento, negando o saber trazido pelas classes populares para dentro da escola é uma escola preparada para atender as expectativas neoliberais, preparando o sujeito para o mercado de trabalho.

Ela age de maneira cruel, “*separando os capazes dos incapazes e preparando-os para se aceitarem como tal*” (Garcia, 1996) e essa concepção de escola está tão enraizada e vai selecionando, atendendo o discurso neoliberal vendo o outro apenas como mais um para competir no mercado de trabalho.

Romper com isso significaria uma ruptura epistemológica, uma mudança total de valores.

Nessa escola excludente, o aluno com necessidades educacionais especiais tem suas chances minimizadas porque sendo cidadão considerado de menos valor e de capacidade limitada, já inicia sua vida escolar com esse estigma.

Goffman(1992 : 42) diz que:

“ Freqüentemente se assinala o ingresso na escola pública como a ocasião para a aprendizagem do estigma, experiência que às vezes se produz de maneira bastante precipitada no primeiro dia de aula, com insultos, caçoadas, ostracismo e brigas”.

Esse é o começo da exclusão confirmando o despreparo da escola para lidar

com esses alunos, mostrando que desde o início de sua vida social que ele é diferente e por isso menos capaz, porque os melhores lugares dessa sociedade que está aí, já está reservado para os que maior nota tiram na escola, que tem em seus currículos os melhores títulos.

Nas entrevistas feitas aos professores, obtivemos respostas que nos indicavam somente impedimentos e não houve nenhuma fala que afirmasse que seria possível ou que acreditava na escola inclusiva. Concluo que os sujeitos desta pesquisa, ainda resistem muito a possibilidade da inclusão por não terem clareza do que isso implicaria e quais as consequências pois o ônus de toda mudança que ocorre em educação em nosso país recai sobre o professor de ensino fundamental e como diz o dito popular "GATO ESCALDADO TEM MEDO DE ÁGUA FRIA".

Outro fator que me mostra como um grande entrave é o preconceito, porque, antes de tentar buscar maior conhecimento e de se aproximar mais dos alunos com necessidades educacionais especiais, alguns já dizem que não teriam condições de trabalhar com esses alunos. Sobre a questão do preconceito cito Cláudia Werneck (1999: 208):

"A falta de formação é um processo silencioso, lento e progressivo de acúmulo de noções inadequadas sobre temas-tabu como deficiência e doenças crônicas. A falta de formação (...) é o alicerce do preconceito. Portanto, só há uma forma eficaz de combater o preconceito: impedir que se instale ainda na infância. Quando adultos, o máximo que conseguimos fazer é domesticá-lo, domá-lo, civilizá-lo."

A escola inclusiva é possível? A escola inclusiva é possível se começarmos educar o nosso olhar e domar (como diz a Cláudia Werneck) aquilo que em nós ainda teima em excluir, discriminar , separar, classificar e entendermos que o diferente não tem como ser enquadrado pois cada um de nós é um ser único, singular.

Nessa tentativa de transformação é que está o caminho de construir uma sociedade diferente que deverá ser para TODOS. A Resolução 45/ 91 da Organização das Nações Unidas - ONU diz o seguinte:

“A Assembléia Geral solicita ao Secretário Geral uma mudança no foco do programa das Nações Unidas sobre deficiência passando da conscientização para a ação, com o propósito de se concluir com êxito uma sociedade para TODOS por volta do ano 2010.”

A inclusão implica em rompimentos com crenças, com certezas e isso leva ao caos pois as supostas verdades dão lugar à reflexões que vão reconstruindo novos ideais e concepções e como diz Morin “as dúvidas são mais férteis que as certezas” pois as dúvidas nos impulsiona a buscar respostas e nessa busca vamos nos transformando e assim a sociedade vai também se transformando.

A escola inclusiva para acontecer precisa que haja uma revolução nessa sociedade excludente que fazemos parte e para que isso aconteça, cada um de nós, precisa se informar para entender o compromisso que é a busca da inclusão de

TODOS na sociedade .

Estamos vivendo um momento onde as diferenças são faladas nos diversos setores da sociedade e como educadores acreditarmos que cada um tem seu tempo próprio para aceitar situações novas, pois cremos na singularidade e no tempo de cada um. Independente do que vemos, cremos numa sociedade inclusiva, onde, com certeza, teremos uma escola para TODOS e Morin (1986) nos chama atenção para o fato de que (...) *“não são nossos olhos que vêem, é o nosso espírito/cérebro por intermédio dos nossos olhos”*.

Vimos nesse trabalho , muitas pedras, que acredito serão superadas, porque eu quero acreditar nesse sonho e assim como iniciei o trabalho citando Paulo Freire, quero terminar citando este educador que sonhou, acreditou, fez e deixou exemplo.

“Vemos como o respeito às diferenças e obviamente aos diferentes exige de nós a humildade que nos adverte dos riscos de ultrapassagem dos limites além dos quais a nossa autovalia necessária vira arrogância e desrespeito aos demais.

É preciso afirmar que ninguém pode ser humilde por puro formalismo como se cumprisse mera obrigação burocrática. A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.

A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre o outro , de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais.”

É crendo na escola mais humana onde todos possam juntos, buscar conhecimentos por diferentes caminhos, por semos seres singulares, é que pretendo futuramente, continuar esse trabalho, entendendo que as diferenças e o respeito à elas é que fará dessa escola que temos , uma outra escola para uma outra sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994a

ESTEBAN, Teresa. O que sabe quem erra – Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

_____. Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP e A, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996

Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992..

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1977

GINZBURG, Carlo. Milos, Emblemas, Sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLAT, Rosana. A Integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998.

GOFFMAN, Erving. Manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992.

- MATURANA R, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MELLO, Marisol Barenco C. de. A multiplicidade das formas de ser racional: escrita e racionalidade. Dissertação de Mestrado. Niterói, UFF, 1998.
- MOYSÉS e COLLARES. Preconceitos no Cotidiano Escolar – Ensino e Medicalização. São Paulo: Cortês, 1996.
- PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar – história de submissão e rebeldia. São Paulo: TA Queiroz, 1990.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SASSAKI, Romeu Kasumi. Inclusão/Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- STAINBACK, Susan. Inclusão um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- VEER, René Van Der & VALSINEVER, Jaan. Vygotsky Uma síntese. Trad. Cecília C. Edições Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- WERNECK, Cláudia. Quem cabe no seu todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SOUZA, Donald, FERREIRA, Rodolfo. Universidade lugar ideal da formação do professor. *Jornal do Brasil*. 10 de dez.2000. Educação e Trabalho. P.1

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, Resolução n 45/91, de 14 de dezembro de 1990

ANEXO

Pergunta usada para a entrevista:

O que você acha da presença dos portadores de necessidades especiais na Escola Regular?